

ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA EM AMORAS: A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Jayline Pereira da Silva¹; Raurislandia dos Santos Pereira²; Wesley Barbosa Rosendo³

¹Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, email: mjayline318@gmail.com

²Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, email: raurislandia2000@gmail.com

³Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, email: wesleybarrosendo@gmail.com

Introdução

Escrever sobre vozes de mulheres afro-brasileiras e indígenas a partir da literatura negro-brasileira (Cuti, 2010) e estudos decoloniais é escrever sobre memória, ancestralidade, empoderamento feminino e de reinvenção de mundos possíveis. Vozes essas que existem e reexistem, que recusam o apagamento histórico imposto pela colonialidade e que se afirmam como quilombos de produção de conhecimento. Durante séculos, o projeto nacional operou pela deslegitimação das produções literárias de mulheres negro-brasileiras e indígenas, instituindo a branquitude como norma-padrão, cérebro da humanidade (Bento, 2022; Cardoso, 2014), universalizando uma forma única de saber, ser e de natureza (Quijano, 2019). Nesse processo, corpos negro-indígenas femininos, histórias e cosmologias foram silenciados ou reduzidos à margem e à subserviência. É a partir das margens que emergem narrativas que desorganizam a centralidade branca e majoritariamente masculina. Desse modo, a literatura negro-brasileira produzida por mulheres negro-brasileiras e indígenas instauram fissuras no discurso hegemônico ao reivindicarem outras formas de existência, ancoradas na coletividade negra-indígena feminina e na ancestralidade. Como nos lembra Conceição Evaristo (2020), ao propor a escrevivência, escrever é um ato que nasce da experiência vivida, da dor, memória e da resistência, isto é, uma escrita que carrega corpo, história e território (Evaristo, 2020).

O conceito de encantamento cunhado por Oliveira (2020) ganha centralidade como palavra-chave de leitura e de interpretação do mundo. Encantar é reconectar-se com modos de existência que foram sistematicamente negados pela racionalidade colonial. Em muitas cosmologias afro-brasileiras e indígenas, o encantamento está ligado à presença dos ancestrais, força da natureza, circularidade do tempo e à inseparabilidade entre vida e ancestralidade. Trata-se, portanto, de uma cosmologia que rompe com a lógica do pensamento colonial. No campo da educação infantil, as produções literárias assumem um papel transformador. Ao adentrarem o espaço escolar, elas tensionam práticas pedagógicas marcadas pela centralidade branca eurocêntrica e pela invisibilização de saberes afro-brasileiros e indígenas.

A partir disso, ao inserir essas narrativas na educação infantil, reconfigura os modos de ensinar e aprender. Assim, trata-se de deslocar a branquitude de seu lugar de neutralidade e reconhecer que todo conhecimento é situado. As motivações que impulsionam este trabalho nascem tanto de inquietações teóricas quanto de experiências pessoais. Em um contexto marcado por desigualdades raciais e epistemológicas, é fulcral legitimar produções que historicamente foram

marginalizadas. Com isso, autoras negras femininas como Conceição Evaristo (2020), ao evidenciar a relevância da escrevivência, Sueli Carneiro (2005), ao denunciar o epistemicídio e Grada Kilomba (2019), ao discutir as estruturas do racismo, nos oferecem aportes teóricos para compreender a literatura como espaço de disputa e resistência. De modo semelhante, pensadores indígenas como Ailton Krenak (2022) provocam deslocamentos ao questionarem as bases do pensamento ocidental e ao proporem outras formas de habitar o mundo.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar de que modo as vozes de mulheres afro-brasileiras, a partir de literaturas decoloniais, constroem caminhos possíveis que articulam a memória e a ancestralidade como formas de resistência e produção de conhecimento. Como objetivos específicos, (i) compreender a memória e a ancestralidade como categorias epistemológicas decoloniais; (ii) analisar como o texto literário na educação infantil tensiona a hegemonia da branquitude no campo educacional; e (iii) refletir sobre as contribuições da literatura negro-brasileira para a construção de práticas pedagógicas antirracistas.

Metodologia

Este trabalho se ancora numa perspectiva quali-interpretativista, bibliográfica, compreendendo que a pesquisa em literatura e educação envolve um posicionamento crítico-reflexivo diante de estruturas coloniais que atravessam a produção do conhecimento de mulheres afro-brasileiras e indígenas. O *corpus* é constituído pela obra *Amoras* (2018) de Emicida, selecionada a partir de sua relevância no debate contemporâneo sobre decolonialidade, ancestralidade e resistência. A partir dessa pesquisa, podemos afirmar que a obra em questão é um território de saber, nos quais se articulam experiências, memórias e cosmologias que desafiam a lógica dominante branca ocidental.

A análise é desenvolvida a partir de um diálogo com referenciais teóricos dos estudos decoloniais e da literatura negro-brasileira. Categorias como escrevivência, colonialidade do poder, branquitude, memória e ancestralidade orientam a leitura do texto literário, permitindo evidenciar como essas narrativas constroem outras formas de pensar, sentir e existir. Metodologicamente, optamos por uma leitura interpretativa, buscando compreender os modos como o texto literário opera como estratégias de resistência. Isso significa que as escolhas estéticas, a voz narrativa, os símbolos e as formas de construção do tempo e do espaço presentes no texto literário reinventam o mundo. Além disso, esta pesquisa estabelece um diálogo interdisciplinar entre literatura negro-brasileira, educação e estudos decoloniais, entendendo que as questões abordadas ultrapassam fronteiras disciplinares. Essa articulação permite refletir sobre as implicações dessas produções na educação infantil, especialmente no que diz respeito à construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial e com a valorização da diversidade de saberes negro-indígenas femininos.

Resultados e discussão

A obra *Amoras*, de Emicida, narra a história de uma menina negra que, com uma conversa com o seu pai, toma consciência da sua identidade negra. De forma sutil e afetuosa a obra nos convida a refletir sobre a cultura afro-brasileira, sobre o racismo, além da diversidade e da importância do respeito.

É o primeiro livro infantil lançado pelo rapper Emicida no ano de 2018, contém as ilustrações de Aldo Fabrini e destaca além do processo de construção da identidade negra da criança, mas também contribui com a representação da cultura africana por meio das figuras pretas importantes ao longo da história e na sociedade, como Martin Luther King e Zumbi dos Palmares.



O autor do livro, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido por Emicida, é um rapper, cantor e compositor brasileiro com uma carreira reconhecida no hip hop desde os anos 2000, quando iniciou as suas participações em batalhas de improvisação. Desse modo, o rapper sempre escreveu obras relacionadas com a temática do racismo estrutural, como uma maneira de buscar exaltar a identidade negra e recuperar a autoestima das pessoas que se identificavam com as letras das suas músicas e com as obras.

No início, o livro apresenta a ideia de que a mente das crianças, a capacidade de pensar e refletir é o palco para explorar ideias e saberes, pois possuem um pensamento que se move e se transforma a partir do momento que é explorado e apresentado a novos contextos e conhecimentos. Ademais, o autor realiza comparações entre a pureza e a profundidade dos pensamentos das crianças, com o Obatalá, que, segundo o glossário do livro, “na mitologia yorubá, que é uma cultura africana, Obatalá é conhecido como o grande orixá, pois foi o criador do mundo, dos homens, das plantas e dos animais” (Emicida, 2018, p. 40). Por meio desta discussão, Emicida aborda a temática sobre as cosmologias das religiões de matriz africana para as crianças negras, além de fortalecer a luta contra o racismo e a intolerância religiosa no Brasil ao representar a figura do Orixá criador dos povos yorubás.

Outro momento importante no livro, é quando o narrador passeia com a menina no pomar e começa a colher amoras explicando que as frutas mais pretinhas são as melhores e mais doces. Em seguida, nas páginas 18 e 19 da obra encontramos a frase “ as pretinhas são o melhor que há”, sendo um destaque para a figura da criança comparada às frutas. Essa expressão fortalece a luta contra o racismo, em que há diferenças no tratamento das pessoas diante da cor da pele, além de contribuir para a construção da identidade negra da criança, trazendo beleza e doçura para aqueles e aquelas de pele escura e que podem estar sofrendo racismo em sala de aula.

Logo depois, o autor apresenta algumas figuras históricas importantes para a sociedade como Muhammad Ali um lutador negro considerado um dos maiores lutadores de boxe, Martin Luther King ativista político que lutou pelos direitos dos negros e pelo fim da segregação racial nos Estados Unidos e, por fim, Zumbi dos Palmares líder de um grande quilombo do Brasil, que lutou para o fim da escravidão dos negros durante o período colonial e hoje é reconhecido como um símbolo dessa luta. Desse modo, apresentar essas figuras históricas é importante para debater sobre a luta contra o racismo e o papel dessas pessoas em buscar uma sociedade mais justa, democrática, a partir da liberdades, dos direitos e do fortalecimento da identidade negra.

Amoras, se destaca por meio de uma narrativa que valoriza a imagem negra e a cultura africana, focando principalmente no público infantil. Sendo a infância um momento importante para a formação das identidades, as crianças precisam se reconhecer como sujeitos históricos e reais que possuem um papel fundamental na construção das culturas. Além disso, devem ser capazes de estabelecer conexões com as pessoas e com os contextos em que vivem, bem como reconhecer seu pertencimento em determinada raça e etnia.

Assim, a proposta de roda de leitura apresentada a seguir constituem sugestões e caminhos para que professores e licenciandos em formação possam se adaptar à realidade de suas salas de aula. Propomos a organização em seis aulas; contudo, essa estrutura pode ser ajustada conforme o contexto específico de cada turma e as escolhas pedagógicas de cada docente.

Proposta de roda de leitura

Objetivos:



- Ler uma obra literária;
- Debater acerca da cultura afro-brasileira;
- Produzir desenhos, recortes e ilustrações de acordo com a obra discutida.

Carga horária: Seis aulas de 60/m

Recursos: Livro, caixa de som e projetor.

Habilidades da BNCC:

O eu, o outro e o nós

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.

Escuta, fala, pensamento e imaginação.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Primeiro momento: pré-leitura

Inicialmente, o docente pode organizar a sala em círculo, e apresentar a obra aos alunos, de modo que estes façam inferências acerca do título e capa. Logo, o docente pode realizar os seguintes questionamentos:

- Quais são as suas frutas preferidas?
- Você já comeu a fruta amora? Se sim, gostou?
- Sobre o que será que nos conta este livro que recebe o título de Amoras?
- E sobre a ilustração? Este menino da capa quem será?
- Vocês conhecem o autor?

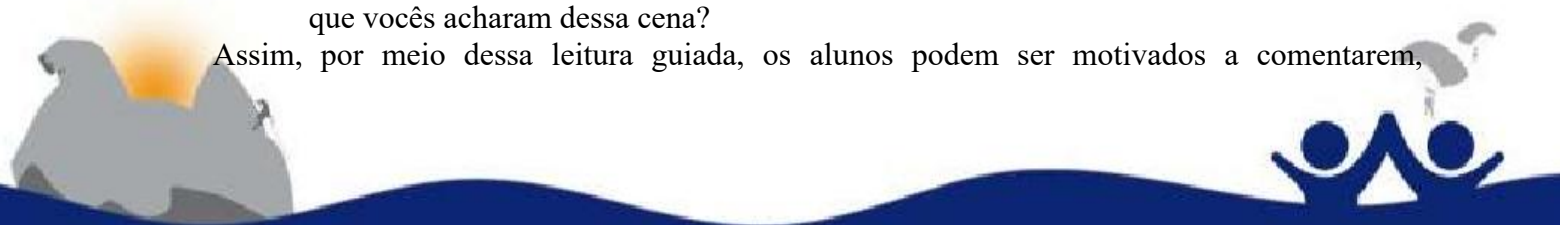
Desse modo, essas perguntas iniciais tem o objetivo de sondar os conhecimentos prévios dos estudantes e instigar a imaginação e interesse pela leitura. Além de apresentar acerca do autor.

Segundo momento: Leitura

O professor de forma compassada pode iniciar a contação/leitura da obra, além de mostrar as imagens para que os alunos façam inferências. Após a leitura o docente deve guiar uma discussão para que os alunos comentem acerca da experiência estética que a leitura proporcionou. Recomendados os seguintes questionamentos para este momento:

- Gostaram da leitura? Qual cena chamou mais atenção?
- O que vocês acharam que iria tratar a obra por meio do título e da capa mudou após a leitura?
- O que podem ser as nuvens coloridas na cabeça da menina?
- Quem é o orixá Obatalá?
- O que significa os pensamentos nascerem de nuvens nos cabelos?
- Na obra, a menininha conversa com o seu pai e ele conta que foi em um passeio no pomar colhendo Amoras que ele diz para a filha que as pretinhas são as melhores. O que vocês entendem dessa fala?
- Quais frutas pretinhas vocês conhecem?
- O pai compara a força da filha com as de um lutador de ringue, com a gentileza de Martin Luther King e com Zumbi. Você conhece ou já ouviu falar nessas pessoas?
- No final, a menina comenta “Papai, que bom, por que eu sou pretinha também”. Nesse momento, ela tem a sua autoestima elevada e se reconhece como uma menina negra. O que vocês acharam dessa cena?

Assim, por meio dessa leitura guiada, os alunos podem ser motivados a comentarem,



Terceiro momento: Pós-leitura

O professor pode iniciar com a exibindo um vídeo com livro em formato animado e audiovisual.

Disponível em: https://youtu.be/Avt7s8XgDjs?si=MEbqcg3Yb_OBrP Acesso: 25/03/2026

Em seguida, instigar os alunos a comentarem sobre o vídeo, bem como o professor pode apresentar de forma aprofundada elementos da cultura afro-brasileira.

Como atividade o docente pode solicitar a criação de um mural com imagens, fotografias, tecidos que remetem a cultura e ancestralidade negra.

Conclusões

Diante das reflexões empreendidas, evidencia-se que a literatura negro-brasileira produzida por mulheres afro-brasileiras e indígenas constitui um campo potente de produção de conhecimento, capaz de tensionar as estruturas hegemônicas da branquitude e da colonialidade que historicamente marginalizaram outras epistemologias. Ao articular memória e ancestralidade como categorias centrais, essas narrativas não resgatam histórias silenciadas e instauram novas formas de existir, sentir e pensar o mundo, ancoradas em experiências coletivas e em cosmologias que rompem com a lógica eurocêntrica dominante.

A análise da obra *Amoras* demonstra como a literatura infantil pode atuar como ferramenta pedagógica fundamental na construção de identidades positivas e no fortalecimento da autoestima de crianças negras, ao mesmo tempo em que promove o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural afro-brasileira. Ao inserir elementos como o encantamento, a ancestralidade e referências históricas negras, a obra contribui para uma formação crítico-reflexivo desde a infância, possibilitando o desenvolvimento de sujeitos mais conscientes das desigualdades raciais e comprometidos com práticas antirracistas. No campo educacional, especialmente na educação infantil, torna-se imprescindível a incorporação dessas produções literárias como estratégia de enfrentamento ao epistemicídio e à invisibilização de saberes negro-indígenas. As práticas pedagógicas propostas, como a roda de leitura, revelam-se caminhos possíveis para a construção de um ensino mais inclusivo, sensível e plural, que reconheça a criança como sujeito ativo na produção de sentidos e na constituição de sua identidade.

Este trabalho reafirma a necessidade de deslocar a branquitude de seu lugar de neutralidade e de promover uma educação comprometida com a equidade racial e a justiça social. Ao valorizar as vozes de mulheres afro-brasileiras e indígenas, não apenas ampliamos o repertório literário e pedagógico, mas também contribuimos para a construção de um projeto educacional decolonial, no qual diferentes saberes coexistem e são legitimados.

Palavras-Chave: Literatura negro-brasileira; Memória; Ancestralidade; *Amoras*.

Referências Bibliográficas

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil, 2014.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 31 mar. 2026.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020a.

EVARISTO, C. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020b.

KILOMBA, GRADA. **Memórias da Plantação**-Episódios De Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder. In: QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Del signo, 2019.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros**. Feira Literária Brasil – África. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória - ES, v. 1 n. 3, 2020.